



## GUERRA DE PALAVRAS: A CONSTRUÇÃO DO INIMIGO “QUINTA COLUNA” PELA IMPRENSA PERNAMBUCANA DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL\*

**Philonila Maria Nogueira Cordeiro\*\***  
**Secretaria de Educação PE – SEDUC/PE**  
[nilacordeiro@uol.com.br](mailto:nilacordeiro@uol.com.br)

**RESUMO:** Quando o Brasil deixa a neutralidade decretada em 1939 aliando-se aos Estados Unidos, alguns jornais em Pernambuco vão desenvolver um discurso centrado no pan-americanismo e em acusações aos indivíduos que simpatizavam com as idéias nazi-fascistas, chamados de quinta-coluna e traidores da pátria. Tais discursos transformam-se em uma guerra de palavras desenvolvendo na sociedade recifense um clima de suspeição, onde qualquer cidadão poderia ser considerado um inimigo em potencial. Analisaremos neste texto os discursos do jornalista Mario Melo, do Jornal Pequeno, como exemplo desse momento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Quinta Coluna – Segunda Guerra Mundial – Nazismo

**ABSTRACT:** When Brazil leaves the neutrality in 1939 entering into an alliance in the United States, some periodicals in Pernambuco develops a speech centered in the pan-Americanism and accusations against to the people that agreed with the ideas Nazi-fascists, called fifth-column and treasonous of the native land. Such speeches turned into in word wars that were developing in the recifense society a suspicion climate, where any citizen could be considered an enemy in potential. We will analyze in this text Mario Melos' speeches. He was the journalist from Jornal Pequeno, as example of this political context.

**KEYWORDS:** Fifth Column – World War II – Nazism

Durante o Estado Novo os meios de comunicação, a exemplo do jornal, serviram como peça-chave para a propagação dos ideais do governo de Vargas.

---

\* Este artigo, com algumas modificações, trata-se de uma pequena parte de nossa dissertação de mestrado: CORDEIRO, Philonila Maria Nogueira. **Ascensão das idéias nazistas em Pernambuco: A quinta coluna em ação: 1939-1945.** 186 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Recife, 2005.

\*\* Mestre em História pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE e professora da Rede Estadual de PE e da Rede Municipal do Recife-PE.

Caracterizado pelo discurso nacionalista, populista, legitimador da ordem e autoritário, pretendia-se manipulador das massas, utilizando para isso a censura, a construção do inimigo e a perseguição. Em Pernambuco, para dar suporte a seu governo, o interventor Agamenon Magalhães vai criar o jornal Folha da Manhã passando a ser o interlocutor das idéias do Estado Novo, doutrinando o povo pernambucano.<sup>1</sup> Nacionalismo, progresso e ordem compõem o discursivo do governo Agamenon Magalhães corroborado pelos adeptos da doutrina autoritária a exemplo da Igreja, intelectuais e jornalistas.

Quando irrompe o conflito da Segunda Guerra Mundial em 02 de setembro de 1939, o Brasil opta pela neutralidade decretada em 20 de outubro. Durante esse período o país vivenciou um clima de intensa euforia por conta dos acontecimentos internacionais e dos ânimos exaltados das pessoas que externavam suas preferências políticas para algum lado dos envolvidos: aliados ou eixistas. Esse clima de euforia vai motivar, por parte do governo, um trabalho direcionado no sentido de combater a exaltação política que ali se desenvolvia. Era necessário que o governo não perdesse o controle da situação e da sociedade. No entanto, apesar da neutralidade decretada, percebia-se nos meios de comunicação: jornal, cinema e publicidade, a propaganda em torno dos países beligerantes.<sup>2</sup>

O clima de conflito que se instaurou na imprensa jornalística foi lembrado por alguns jornalistas contemporâneos em seus depoimentos sobre aquele momento. Para Hélio José Rola Pinto, antigo repórter do Diário, somente o Diário de Pernambuco é quem tinha posição definida ao lado dos Aliados. A Folha da Manhã e o Jornal Pequeno eram ‘neutros’, e o Jornal do Commercio ficava mais próximo do nazi-fascismo.<sup>3</sup> Já Edson Nery da Fonseca, estudante à época, lembrava a Folha da Manhã como defensora da Alemanha e o Diário de Pernambuco exaltando os Aliados,<sup>4</sup> Manuel Correia de Andrade considerava o Diário de Pernambuco, dirigido por Aníbal Fernandes, o jornal

---

<sup>1</sup> ALMEIDA, Maria das Graças Andrade Ataíde de. **A Construção da Verdade Autoritária**. São Paulo: Humanitas UFFCH/USP, 2001. 318 p.

<sup>2</sup> Observamos em nossa pesquisa que mesmo no período de neutralidade, caracterizava-se como uma fase positiva para os defensores da política de Hitler, diante da ambigüidade do governo Vargas, possibilitando uma grande divulgação das idéias nazi-fascistas através dos meios de comunicação, a exemplo do jornal, com artigos de jornalistas defensores das idéias nazistas, a publicidade e o cinema.

<sup>3</sup> RIVAS, Leda. **O Diário de Pernambuco e a Segunda Guerra Mundial**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Recife, 1988, f. 558.

<sup>4</sup> Ibid., f. 564.

que desde o início do conflito da Segunda Guerra tomou partido em favor dos Aliados. Já a Folha da Manhã, o Jornal Pequeno e o Jornal do Commercio, apesar de demonstrarem simpatia, não se envolviam nos debates, só noticiavam os acontecimentos.<sup>5</sup> Para Fernando da Cruz Gouveia, historiador e à época estudante secundarista, nunca viu no Jornal do Commercio propaganda nazista, para ele o que existiam eram noticiários com a versão alemã para os fatos, enquanto que o Diário de Pernambuco encobria a realidade e torcia pelos Aliados. Essas diferenças acabariam quando o Brasil entrou na Guerra, passando os jornais a limitarem-se às notícias das agências americanas.<sup>6</sup>

Quando o Brasil declara seu apoio aos aliados, o discurso jornalístico passa a incorporar a imagem do inimigo denominado “quinta-coluna”<sup>7</sup>, assim chamados todos aqueles que eram acusados de simpatias às idéias nazi-fascistas. A construção do inimigo brasileiro surge, dependendo do momento, do objetivo que se pretende com tal discurso, quem se utiliza dele e quem vai se beneficiar. No entanto, não basta somente construir o inimigo. É necessário divulgá-lo, o para que a sociedade o incorpore também como seu. Daí a importância da imprensa no papel de construção, controle e repressão social aos considerados suspeitos de inimigos em potencial da pátria.

Consideramos o momento da representação do discurso do inimigo, porque observamos que nem sempre ele vigora em todos os momentos. Os simpatizantes das idéias nazi-fascistas, por exemplo, no contexto anterior ao conflito e mesmo no período de neutralidade brasileira não foram perseguidos, mas, quando o Brasil vai declarar sua posição ao lado dos aliados, a imagem dos indivíduos que têm simpatias pelos eixistas passa a incorporar a imagem do traidor e serão amplamente combatidos:

Entre os brasileiros verdadeiramente brasileiros, por desgraça, há ingênuos que se contaminaram com o vírus de doutrinas totalitárias [...]. A propósito da punição infligida a um funcionário do Banco do Brasil por se haver manifestado simpático ao inimigo do Brasil, o Sr. Marques dos Reis (gerente do Banco) aludiu aos brasileiros que se colocam ao lado do Eixo, salientando que se trata de verdadeira

<sup>5</sup> RIVAS, Leda. **O Diário de Pernambuco e a Segunda Guerra Mundial**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Recife, 1988, f. 590.

<sup>6</sup> Ibid., f. 611.

<sup>7</sup> O termo quinta-coluna surgiu na Espanha à época da Revolução Espanhola para referir-se a existência de um quinto exército formado por nacionais que estariam na retaguarda lutando a favor de Franco através de atos de sabotagem, boatos, ou espionagem. Essa denominação também passou a ser usada no Brasil contra os brasileiros que foram acusados de ter simpatias pelos eixistas. Nesse sentido, o quinta-coluna passa a ser mais um inimigo incorporado à lista de traidores da pátria.

degradação e traição infame e miserável. Acrescentou: para estes a ação deve ser sumarríssima e inclemente. É encostá-los á parede e fuzilá-los...<sup>8</sup>

Nesse momento não haverá distinção: todos que simpatizem com a Alemanha ou Itália, trabalhando ou não em favor do ideal nazi-fascista, serão classificados como perigosos em potencial. O discurso e a prática serão direcionados à visão do indivíduo como inimigo do Estado e traidor do país. Cria-se na sociedade o “inimigo objetivo”,<sup>9</sup> ou seja, o inimigo criado politicamente na prática da repressão, apontado como suspeito perigoso, mesmo que seu passado não justificasse, era considerado de “tendências” perigosas, corroborando para o constante estado de suspeição que amordaçam aqueles que não estavam contentes com as diretrizes desenvolvidas pelo governo de Vargas. O termo quinta coluna torna-se assim uma arma, pois qualquer cidadão poderia ser acusado. Nessa ocasião torna-se tão banal que até as crianças ao brigarem na rua, com a intenção de ferir, chamavam os colegas de “quinta coluna”.<sup>10</sup>

As desconfianças em torno de tudo que representava os inimigos eixistas levam às empresas, principalmente as que pertenciam aos alemães naturalizados, a emitirem notas nos jornais no sentido de dissiparem, junto à população, dúvidas sobre o caráter nacional de suas atividades e proprietários, haja vista a revolta das pessoas diante do afundamento de navios brasileiros.<sup>11</sup> Naquele ambiente confuso, muitos foram acusados, alguns diretamente, outros não. No entanto, estava sempre presente na sociedade e nos meios de comunicação, o “perigo” que representava o indivíduo suspeito de ser quinta coluna, pois era considerado como sinônimo de traidor do país, precisando assim ser amplamente combatido, principalmente através dos meios de comunicação, por jornalistas defensores da política desenvolvida no Estado Novo, a exemplo de Mário Melo que atuava como colunista do *Jornal Pequeno* e entendia esse novo momento, ou seja, a decisão do Brasil de se aliar aos Estados Unidos como um passo importantíssimo para se falar com **clareza**:

---

<sup>8</sup> ONTEM, hoje e amanhã – Mario Melo. *Jornal Pequeno* – APEJE, 24/08/1942.

<sup>9</sup> Denominação de ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo* – Anti-semitismo, Imperialismo, Totalitarismo. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 474.

<sup>10</sup> Em conversa com a Prof.<sup>a</sup> Silvia Cortez, falando sobre a banalização do termo quinta-coluna, a mesma lembrou-se de que muitas vezes as crianças quando brigavam, chamavam uns aos outros de quinta coluna. Ora, se as crianças incorporavam esse termo nos alertas para a possibilidade de ser um termo usado pelos adultos de forma aleatória.

<sup>11</sup> AVISO DE empresas sobre sua nacionalidade. *Jornal do Commercio* – APEJE, 23 e 26/08/1942.

Outra é agora a situação dos brasileiros em face da guerra. Depois que o Sr. Getulio Vargas, com os aplausos de toda a nação, definiu o lugar do Brasil, chumbando-o á sorte dos Estados Unidos, em torno de cujo país se acha unido todo o continente americano, temos o dever de falar com clareza, porque se não somos povo em guerra, também deixamos de ser neutros no conceito do Direito Internacional...<sup>12</sup>

Mário Melo, nascido em 05/02/1884 e falecido em 24/05/1959, foi um jornalista polêmico e contraditório. Getulista fervoroso e amigo de Agamenon Magalhães foi considerado por Homero Fonseca o jornalista mais famoso do estado, com capacidade de influência nas decisões tanto política como administrativa.<sup>13</sup> O jornalista Evaldo Costa diria ainda mais: “foi íntimo de ditadores e serviu como denodo a uma ditadura cruel como a do Estado Novo”.<sup>14</sup> Para ele, Mário Melo em muitos momentos foi mais propagandista de idéias sectárias, “errando ao não delimitar claramente onde começa e termina o âmbito de cada um”.<sup>15</sup>

Essa crítica ao jornalista Mário Melo estava relacionada à forma como ele se posicionava politicamente, uma vez que, de um lado apoiava o Estado Novo, considerado de tendências fascistas, avesso à democracia, e por outro lado era defensor das liberdades sempre apoiando o pan-americanismo e colocando como exemplo a seguir os Estados Unidos. Esse posicionamento considerado ambíguo lhe colocou, no futuro, em situação bastante embaraçosa quando no dia 25/01/1950 ocorreu um debate sobre o Estado Novo na Assembléia Legislativa, sendo Mário Melo, na ocasião, Deputado Estadual. Vejamos:

**O Sr. Lael Sampaio** – V.Exa. é favorável ao Estado Novo?

**O Sr. Mário Melo** – Eu não reprovo tanto assim o Estado Novo. Naquele momento foi uma necessidade, porque nós iríamos cair nos braços ou do comunismo ou do integralismo.

[...]

**O Sr. Lídio Paraíba** – V.Exa acha que o Estado Novo vem resolver o problema da democracia?

**O Sr. Mário Melo** – Não, mas salvou-nos da ditadura do integralismo ou do comunismo.

**O Sr. Lídio Paraíba** – V.Exa. que tem dado aqui tantas demonstrações de democracia, deseja o Estado Novo e repele o integralismo?

---

<sup>12</sup> ONTEM, hoje e amanhã – Mario Melo. **Jornal Pequeno** – APEJE, 09/01/1942.

<sup>13</sup> FONSECA, Homero. **Perfil Parlamentar do século XX** – Mario Melo. Assembléia Legislativa do Estado, 2001, p. 17.

<sup>14</sup> Ibid., p. 12.

<sup>15</sup> Ibid., p. 13.

**O Sr. Mário Melo** – Não sou tão apegado a essas demonstrações de democracia, não.

**O Sr. Elpidio Branco** – V.Exa. é meio totalitário.

**O Sr. Mário Melo** – Não sou, mas acho que em certos momentos a ditadura é uma necessidade.

**O Sr. Elpidio Branco** – Principalmente uma ditadura presidida por um grande cidadão: Getúlio Vargas.

**O Sr. Mário Melo** – Como um Getúlio Vargas, que voltará.<sup>16</sup>

Conforme podemos perceber, em meio às ironias dos seus correligionários, Mário Melo direciona suas argumentações em torno da defesa do Estado Novo na perspectiva de combate ao comunismo e integralismo, considerados por ele como “ditadura”. A visão do estado corporativo e do autoritarismo tanto no Estado Novo como no integralismo e a ferrenha defesa de Mário Melo para um, enquanto repelia o outro, transmitia para os parlamentares uma imagem de homem com idéias confusas, senão, contraditórias. No entanto, a figura do jornalista Mário Melo personificava o desejo de Vargas quanto ao papel que o jornalista deveria ter, ou seja, o intelectual como um homem não só de palavras, mas também de ações, contanto que essas ações se direcionassem em defesa do seu governo, o Estado Novo, e Mário Melo foi um intelectual que procurou seguir essa diretriz. Dessa forma, através de sua coluna diária no Jornal Pequeno, intitulada Ontem, Hoje e Amanhã, jornal esse que trabalhou durante 40 anos, defendeu vigorosamente o Estado Novo e desenvolveu uma grande perseguição aos chamados, nesse momento, “quinta coluna”.

Quando os Estados Unidos sofrem agressão do Eixo, com o ataque a Pearl Harbor, vai ser criado na cidade do Rio de Janeiro o “Serviço de Prevenção a quinta coluna” e com tal desenvoltura Mário Melo será propagandista desses conselhos. Como era fervoroso defensor do governo Vargas, considerava-se o porta-voz no combate à quinta coluna. Para mostrar que de fato tinha credenciais para o serviço, o jornalista é enfático:

Tenho credenciais para fazer-me acreditar. Lembram-se vocês dum certo paisagista que chegou aqui com muitas lábias e foi muito endeusado, e que queria por abaixo todos os monumentos do Recife, conseguindo arrasar o consentimento do prefeito de então, o de Casa Forte? Lembram-se de que o acusei de comunista, porque destruía de nossos monumentos históricos, apagava os vínculos de nacionalismo? E que mais tarde a pretexto de fazer canteiros no Derby, cavou trincheiras, nas vésperas da revolução comunista para que seus

---

<sup>16</sup> FONSECA, Homero. **Perfil Parlamentar do século XX** – Mario Melo. Assembléia Legislativa do Estado, Recife, 2001, p. 83-84.

camaradas atacassem a polícia? Fui o único que o denunciou. Veio a revolução comunista e o homem estava dentro dela, pelo que fugiu e foi demitido da prefeitura... Assim como tive faro para perceber as manchas comunistas, também o tenho para reconhecer o quinta colunista...<sup>17</sup>

Nesse artigo Mário Melo estava se referindo ao paisagista Roberto Burle Marx que trabalhou no governo do Estado de Pernambuco de 1934 a 1937, assumindo o cargo de diretor de Parques e Jardins do Governo do Estado de Pernambuco. Durante três anos criou projetos, reformou praças como a de Casa Forte, a do Derby, acrescentando um espelho d'água com estátua de mármore, além de espécies vegetais decorativas; a Praça da República; Praça Artur Oscar conhecida também como Praça Arsenal da Marinha localizada no Recife Antigo; em 1935 projetou a Praça Euclides da Cunha ou Praça Internacional (em frente ao Clube Internacional). O paisagista, apesar de sua intensa contribuição à cidade do Recife, por razões políticas, ou seja, acusado de ser comunista, voltou para o Rio de Janeiro em 1937.<sup>18</sup>

Conforme podemos observar, Mário Melo além de ser antinazi-fascista era também anticomunista, perseguindo a todos. No entanto, com relação à quinta coluna, esse jornalista não poupava sua caneta. Considerava-os como uma “cédula falsa” que procurava circular livremente, sendo preciso combatê-los. Daí os “técnicos da contra-espionagem” ensinar como identificá-lo, estando o jornalista fazendo com isto “um grande serviço aos brasileiros”. E assim foi sendo construído o perfil quinta coluna. Vejamos as instruções:

#### **a) Getúlio Vargas e o apoio aos Estados Unidos**

Ensinava Mário Melo que quando se conversasse sobre guerra e estigmatizasse o procedimento do Japão para com os Estados Unidos e alguém falasse que nós brasileiros não temos nada com a guerra que os Estados Unidos se envolveram. Cuidado! Esse alguém é suspeito, pois devemos seguir sempre Getúlio Vargas. E

---

<sup>17</sup> ONTEM, hoje e amanhã – Mario Melo. **Jornal Pequeno** – APEJE, 24/02/1942.

<sup>18</sup> TOQUE DE mestre – praças recifenses são projetadas por Burle Marx. Disponível em: <<[www.facepe.org.br](http://www.facepe.org.br)>>. Acesso em 02/03/2004.

acrescenta: “[...] qualquer iniciativa de desligamento do Brasil dos Estados Unidos é trabalho de quinta-coluna”.<sup>19</sup>

Mário Melo era defensor da idéia de que o chefe sempre estava com a razão, não admitia, portanto, contestações à política desenvolvida por Getúlio Vargas. Desde a revolução de 30 estivera sempre ao seu lado, permanecendo mesmo após o golpe de 37. Para esse jornalista, se Getúlio Vargas resolveu se aliar aos Estados Unidos o Brasil deveria apoiá-lo e não criticá-lo. Segundo Homero Fonseca, Mário Melo era um conservador, tradicionalista, tão apegado às convenções que era capaz de relativizar a política ditatorial empreendida por Getúlio no Estado Novo.<sup>20</sup>

### **b) Proibição da imprensa estrangeira**

Quando alguém considerar absurdo a supressão da imprensa em língua estrangeira alegando que a cultura é contra isso e nas escolas ensinam-se línguas estrangeiras; se algum brasileiro se revolta contra isso, é bom começar a vigiá-lo, acompanhar seus passos, pois é suspeito. “A extinção da imprensa estrangeira foi medida de alto alcance para facilmente abrigar os brasileiros estrangeiros”.<sup>21</sup>

Não era de agora que vinha à tona a preocupação com os estrangeiros, principalmente com as comunidades alemãs, consideradas um perigo pelo fato de permanecerem tão enraizadas à sua cultura que somente falavam a sua língua de origem. No entanto, é importante esclarecermos que não podemos generalizar essa situação para todo Brasil, pois foi mais acentuado no sul do país. Desde 1910, a imprensa já noticiava o fato de que em Santa Catarina não se estudava o português.<sup>22</sup> Ao proibir o uso da imprensa estrangeira, Getúlio Vargas reforçava suas diretrizes desenvolvidas após o golpe de 37, visando efetivar sua política no Estado Novo. Uma das suas primeiras medidas foi lançar o Decreto Federal de 02 de dezembro de 1937 extinguindo os partidos políticos. Essa medida vai atingir também os alemães que desenvolviam atividades nazistas no país. Em Pernambuco, o Partido Nazista fundado em 16 de março

---

<sup>19</sup> ONTEM, hoje e amanhã – Mario Melo. **Jornal Pequeno** – APEJE, 26/02/1942.

<sup>20</sup> FONSECA, Homero. **Perfil Parlamentar do séc. XX** – Mario Melo. Assembléia Legislativa do Estado, Recife, 2001, p. 80.

<sup>21</sup> ONTEM, hoje e amanhã – Mario Melo. **Jornal Pequeno** – APEJE, 27/02/1942.

<sup>22</sup> COHEN, Esther. **O Governo Federal e o Partido Nazista no Brasil**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, UFF, Rio de Janeiro, 1988, p. 21-22.



de 1933 será fechado em 1938. Serão apreendidos os seus objetos de trabalho, bandeira, emblemas, fardas, livros de atas e fotografias. No entanto as atividades nazistas continuaram a serem denunciadas, levando à promulgação do Decreto-Lei 383 de abril de 1938 que proibia atividades políticas de organizações estrangeiras.<sup>23</sup> É importante salientarmos que essas medidas são tomadas principalmente num momento em que o perigo integralista ameaçava Getúlio Vargas como o primeiro **Putsch** integralista em 11 de março de 1938, na tentativa de tomar uma rádio no Rio de Janeiro e o de 11 de maio de 1938, tentando tomar o Palácio da Guanabara, ambos fracassados.<sup>24</sup> Nesse sentido não se admitiria nada que pudesse interferir no desenvolvimento de um governo forte, almejado por Getúlio Vargas.

### c) Os judeus e a guerra

Mário Melo alertava para que tomassem cuidado com o indivíduo que ao conversar sobre guerra dissesse que a culpa é dos judeus. A culpa da guerra, segundo ele, cabe ao chefe do nazismo.<sup>25</sup> No entanto, expressava seu preconceito quando, mesmo não relacionando os judeus com a guerra, faz questão de mencionar que **o judeu não é pomba sem fel**, ou seja, “o judeu não é flor que se cheire”. Dessa forma o culpava por ser judeu, estigmatizando-os através do mito do judeu parasita e explorador, preconceito tão latente em muitas pessoas.

### d) O Brasil e o pan-americanismo

Para o jornalista, devia-se ter o máximo de cuidado com o indivíduo que se diz nacionalista até a medula, mas fica lamentando que os Estados Unidos estejam arrastando o Brasil para a guerra e que tanto os Estados Unidos como a Inglaterra querem acabar com a nossa soberania. “Se qualquer indivíduo malsina a atitude pan-

---

<sup>23</sup> CORDEIRO, Philonila Maria Nogueira. **O Nazismo em Pernambuco na década de 30**. Monografia. (Especialização em Programação do ensino de História do Nordeste). Faculdades Integradas de Vitória de Santo Antão – FAINTIVISA, Recife, 2001, p. 56.

<sup>24</sup> MAIO, Marcos Chor; CYTRYNOWICZ, Roney. A Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil (1932-1938). In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de A. Neves (Org.). **O Brasil Republicano 2 – O tempo do nacional-estatismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 48.

<sup>25</sup> ONTEM, hoje e amanhã – Mário Melo. **Jornal pequeno** – APEJE, 28//02/1942.

americanista do Brasil, ou procura atribuí-la a causas menos elevadas, esse indivíduo é suspeito. No íntimo deseja a vitória dos inimigos do povo brasileiro”.<sup>26</sup>

Conforme já mencionamos, para Mário Melo as atitudes tomadas por Getúlio Vargas deveriam ter amplo apoio do povo brasileiro. O indivíduo nacionalista deveria mostrar sua lealdade apoiando o Brasil em qualquer momento e nunca desacreditando do país e indo de encontro às suas idéias e atitudes.

#### **e) A Igreja e o nazismo**

Indivíduos que se dizem católicos, mas propagam que o nazismo não persegue o clero, nem é contra a religião católica. Cuidado! São fariseus. Quando um indivíduo católico ou fingidamente católico, procurar defender o nazismo sob o aspecto religioso, apontando-o como compatível com o cristianismo, cuidado com ele, é suspeito...<sup>27</sup>

Nesse momento Mário Melo antecipava a questão que viria à tona um pouco mais tarde com as denúncias de Gilberto Freire em artigo publicado no Diário de Pernambuco de 11 de junho de 1942, sobre as atividades nazistas desenvolvidas por frades pernambucanos. Esse artigo motivou a prisão de Gilberto Freire, sendo este incidente de repercussão internacional.<sup>28</sup>

#### **f) O falso patriota**

O indivíduo que se diz patriota ao extremo, que deseja a vitória da civilização, mas fica lastimando que a Alemanha acabe dominando o mundo. “Cuidado! Esse indivíduo é suspeito e quinta-colunista da pior espécie. Faz trabalho de cupim. Quer influir desânimo e descrença no espírito popular com o intuito de favorecer o eixo através do ‘desarmamento psicológico’”.<sup>29</sup>

Existia uma preocupação muito grande à época com as notícias que corriam às ruas, ou “boatos”, em torno de um possível ataque alemão às cidades que ficavam na

---

<sup>26</sup> ONTEM, hoje e amanhã – Mário Melo. **Jornal pequeno** – APEJE, 28//02/1942.

<sup>27</sup> ONTEM, hoje e amanhã – Mário Melo. **Jornal Pequeno** – APEJE, 04/03/1942.

<sup>28</sup> CORDEIRO, Philonila Maria Nogueira. **O Nazismo em Pernambuco na década de 30**. Monografia. (Especialização em Programação do ensino de História do Nordeste). Faculdades Integradas de Vitória de Santo Antão – FAINTIVISA, Recife, 2001, p. 36.

<sup>29</sup> ONTEM, hoje e amanhã – Mário Melo. **Jornal Pequeno** – APEJE, 05/03/1942.

orla costeira, o que deixava em pânico, o povo pernambucano, daí os jornais estarem constantemente alertando para não acreditarem nesses boatos, considerados de efeitos psicológicos nocivos à população.<sup>30</sup> Para Mário Melo essa era a especialidade da quinta coluna.

Portanto, com o perfil quinta coluna elaborado, esse jornalista, através de seus artigos, vai desenvolver grande perseguição aos considerados simpatizantes do nazifascismo, levando os recifenses a um estado de constante suspeição. Fazendo-se juiz, utilizava-se da estratégia de vigilância social que Foucault<sup>31</sup> enfatizou para punir aqueles que não se enquadrassem na ordem vigente. Nessa condição, qualquer cidadão poderia, a partir desse momento, ser considerado como um suspeito em potencial.

O trabalho desenvolvido pelo jornalista Mário Melo em sua coluna diária no *Jornal Pequeno* privilegiando em seus artigos, a partir de janeiro de 1942, assuntos relacionados à quinta coluna, principalmente com o objetivo de perseguição, considerando-os nocivos à sociedade e ao governo, corrobora o clima de denúncias que acontece na sociedade nesse momento. Esse jornalista passa a receber muitas cartas de pessoas que comungam com suas idéias ou aproveitam o clima de suspeição que o momento propicia para também fazer acusações. Nesse sentido, o clima de desconfiança que a sociedade vivia está presente nos mínimos detalhes do cotidiano do cidadão. Tudo passa a ser motivo de denúncias, a exemplo da carta de Cícero Xavier da Silva endereçada a Mário Melo, indignando-se com a atitude da Rádio Clube por tocar música estrangeira:

Ilmo. Snr. Dr. Mário Melo.  
Dirijo-me ao Sr, reconhecendo-o expoente máximo do nacionalismo brasileiro, para o seguinte fato que reputo no momento que atravessamos contra a nossa brasilidade. Adepto que me julgo também nacionalista de coração ouço com pesar nos programas de nossa P.R. A 8, cantos que só se pronuncia em espanhol, cantando musicas espanholas. Penso que agora só devemos ouvir o Brasil! E tudo exclusivamente pelo Brasil! Assim deixo ao Radio Clube examinar o caso, pois será preferível ouvindo anúncios de Guaraína, ou Melhoral que é melhor do que muitos estrangeiros...<sup>32</sup>

A forma exacerbada como esse cidadão percebe a questão do nacionalismo nos mostra como estava problemático, confuso e delicado esse momento na sociedade

<sup>30</sup> O BOATO e seus nocivos efeitos. *Jornal do Commercio* – APEJE, 13/09/1942.

<sup>31</sup> Cf. FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. 26 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

<sup>32</sup> ONTEM, hoje e amanhã – Mário Melo. *Jornal Pequeno* – APEJE, 22/09/1942.

recifense, principalmente se levarmos em consideração o clima de indignação do povo brasileiro com o afundamento dos navios pelos alemães. Nesse sentido, o momento era propício para exaltação do Brasil, da guerra e o repúdio a tudo que simbolizasse os inimigos do país. O fato de a Rádio Clube tocar músicas estrangeiras era assim para esse cidadão um crime contra a nacionalidade brasileira, sendo motivo de indignação e protesto máximo, pois vai procurar externar seus sentimentos na coluna daquele que considerava “o maior representante do nacionalismo recifense” que era o jornalista Mário Melo. No entanto também nos revela algo muito importante, a partir do momento que esse cidadão deseja que o jornalista responda sua carta através da referida coluna, o que poderíamos chamar de “estratégia de prevenção contra acusação de quinta coluna”, pois compreendemos que essa atitude se coaduna com uma tentativa de se prevenir quanto à suspeição que inevitavelmente reinava na sociedade, uma vez que o mesmo vai considerar muito importante a necessidade de tornar explícito seu posicionamento no momento em que o Brasil se dirigia à guerra, demonstrando assim uma atitude preventiva quanto a não se enquadrar no rol de suspeitos que a sociedade inevitavelmente armara para si.

Mas por que consideramos essa atitude uma estratégia defensiva? Conforme mencionamos, Mário Melo quando começou efetivamente a dirigir suas acusações contra a quinta coluna, nada lhe escapava, estando todos os indivíduos sujeito às suas suspeitas. Quando em um artigo de 04 de setembro de 1942, considerando dever de um jornalista esclarecer ao povo sobre as obrigações que passam a existir com a decretação do estado de guerra, divulgando em sua coluna as garantias que foram suspensas, receberá carta de D. Julieta Silva questionando a alínea “b” do referido artigo a qual suspendia a inviolabilidade do domicílio e correspondência e ainda criticava a ameaça do jornalista, quando o mesmo mencionava que era “cada um a andar direitinho fazendo o que fosse bom para a nação”. Para essa leitora o jornalista Mário Melo deveria retificar seu artigo, pois indivíduos inescrupulosos poderiam se basear na sua instrução de violação ao lar alheio, consciente de que não haveria punição, sendo para ela um contraste de sua parte o seu “é cada um andar direitinho”, da mesma forma como a suspensão de garantias constitucionais, baseado em poderes competentes relativo à perturbação da ordem.<sup>33</sup>

---

<sup>33</sup> CARTA DE D. Julieta Silva a Mário Melo. Ontem, Hoje e Amanhã. **Jornal Pequeno** – APEJE, 11/09/1942.

Observem como D. Julieta ousava e se arriscava, pois além de criticá-lo, questionava os procedimentos do governo. Sua atitude se enquadrava no rol de suspeito em potencial levando-se em consideração as diretrizes do perfil quinta coluna propagado por Mário Melo. Nesse sentido, ele não perde a oportunidade de divulgar essa carta fazendo questão de reafirmar o conteúdo do seu artigo, alegando que o estado de guerra permitia às autoridades, censurar e interceptar tudo o que fosse contrário aos interesses da pátria e continua com suas ameaças: “se porventura alguém entendesse de outro modo, que se acautele. A polícia está vigilante e para certas práticas reprováveis em tempo de guerra, a punição é especial...”<sup>34</sup>

Dessa forma, Mário Melo utilizava sua coluna e as cartas que os leitores lhe endereçavam para reforçar a defesa do governo Vargas e a vigilância sobre àqueles que ainda ousavam questionar suas atitudes. Era o **efeito bumerang** agindo no encaço dos considerados “maus brasileiros”.

Conforme podemos perceber, os artigos de Mário Melo também atraíam a ira de muitas pessoas que não concordavam com sua postura, mas como o momento não era propício para aparições, não eram todos que se arriscavam revelando seus nomes e endereços, como o caso de D. Julieta, pois era notório que ele utilizava as cartas dos leitores para sempre polemizar e ameaçar aqueles que eram considerados suspeitos. E vejam que o seu rol de suspeitos apresentava-se de forma infinita.

O jornalista também procura utilizar-se da fala oficial para reforçar seus argumentos como no caso do discurso do General Dutra sobre a nova posição do Brasil no conflito mundial, sendo utilizado por Mário Melo para dar resposta ao **leitor anônimo esverdeado que me escreveu uma carta insolente**.<sup>35</sup> Dizia o general:

... Se houver algum brasileiro que divirja de agora em diante, por exemplo, algum que ainda faça restrições a política do pan-americanismo, à amizade que deve unir o Brasil a Inglaterra ou aos Estados Unidos que são a força esmagadora do nazismo, do fascismo e se houver alguém... Esse transviado receberia de conformidade com as nossas leis de guerra o castigo que merece... Divergir agora com o inimigo as nossas portas é trair, divergir mesmo por pensamento, ainda é uma abominável felonía... É, pois uma questão de policia e de justiça.<sup>36</sup>

<sup>34</sup> CARTA DE D. Julieta Silva a Mário Melo. Ontem, Hoje e Amanhã. **Jornal Pequeno** – APEJE, 11/09/1942.

<sup>35</sup> ONTEM, hoje e amanhã. Mário Melo. **Jornal Pequeno** – APEJE, 03/10/42.

<sup>36</sup> Ibid.

Ora, se até as autoridades nesse momento se acautelavam com relação ao posicionamento que deveriam proceder no momento em que o Brasil se definia politicamente, pois era notório que dentro do governo Vargas existiam muitos simpatizantes do nazi-fascismo, a exemplo do general Dutra, Góis Monteiro, Filinto Muller, etc.,<sup>37</sup> quem se arriscaria à tamanha proeza? Era muito difícil. Dessa forma, muitas cartas eram-lhe endereçadas de forma anônima e muitas denotavam a profunda ira que se tinha pelo jornalista que achando suas idéias as mais corretas, não poupava sua caneta atirando palavras por todos os lados e ferindo até as pessoas mais simples. Tudo era motivo para polêmica, desde o busto de Manoel Bandeira, passando pela árvore da Gameleira, no Espinheiro, até o futebol. Esse “estilo” de Mário Melo ficou marcado, mas justificado, como na sua biografia escrita por Rostand Paraíso, e prefaciado por Reinaldo Oliveira, como um homem corajoso e defensor acima de tudo do Recife que tanto amava, dos vivos, da necessidade que se tem hoje de uma “pena corajosa, determinada e, até mesmo, renitente”.<sup>38</sup> No entanto, não se menciona esse lado combativo de Mário Melo, as acusações e perseguições às pessoas naquela ocasião, consideradas pelo jornalista como inimigas da nação. Nesse sentido, quem não queria se arriscar utilizava-se da estratégia do anonimato e muitos procurava levá-lo ao ridículo:

... Para que você veja quão mesquinha tem sido a sua campanha aos nossos craques de pelota dei-me ao trabalho de cortar esse trecho do jornal no qual você escreve todos os dias as suas indefectíveis sandices. Veja velho idiota que são 30.000 brasileiros quem prestam o seu apoio ao crioulo, como você o tem chamado através das crônicas imbecis. E não é possível que com essa diferença numérica você ainda tenha o topete de querer insistir que a razão está com você. Leia, medite e meta o rabo entre as pernas como costumam fazer os ‘gozos’ sarnentos e fique sabendo que não costumo me esconder no anonimato, para não dar margem a que você tenha uma oportunidade de me chamar de covarde que se esconde na capa negra do anonimato, que é o seu chavão dramático de ator de circo de cavalinhos toda vez que recebe uma carta sem assinatura. (a) Manoel Gomes Barbosa, Estrada de Belém 5101 – Defronte do antigo chafariz.<sup>39</sup>

Considerando que tinha à frente um homem corajoso e como era de esperar, Mário Melo, alegando “desencarno de consciência”, enviou a carta à Secretaria de Segurança que se incumbiu de fazer averiguações, concluindo que não existia esse

<sup>37</sup> Ver: FALCAO, João. **O Brasil e a 2ª Guerra** – Testemunho e depoimento de um soldado convocado. Brasília: UnB, 1999, p. 43.

<sup>38</sup> PARAISO, Rostand. Cadê Mário Melo... **Comunigraf**, Recife, p. 18, 1997.

<sup>39</sup> ONTEM, hoje e amanhã – Mário Melo. **Jornal Pequeno** – APEJE, 28/02/1944.

número e essa pessoa no endereço mencionado.<sup>40</sup> A atitude desse leitor era uma forma de ir à desforra contra o jornalista que se considerava o defensor da razão, mas, segundo Rostand Paraíso, “está fazendo muita falta”.<sup>41</sup>

Com a decretação do estado de guerra, ampliaram-se os temas desenvolvidos nos jornais com relação aos inimigos do Brasil. Conforme pudemos perceber, em tempos de guerra vivem-se momentos conflituosos; suspeição que beira a anedotas e hipocrisia. Era um momento de muito zelo e prudência com atitudes e palavras, pois o círculo se fechava. O que antes se convivia de certa forma sem muitas dificuldades, agora é intolerável. Quem tinha algum contato com os inimigos, passaram a ser rejeitados. Como portadores de uma doença muito contagiosa era preciso manter distância se afastar, mostrar ojeriza para passar a idéia de que não haviam se contaminado. Os amigos agora serão inimigos. Nesse sentido, os artigos do jornalista Mário Melo com a incumbência de “alertar” os pernambucanos sobre os males da quinta coluna surtem algum efeito.

Em 12 de janeiro de 1942, o espaço de sua coluna será reservado à divulgação de uma carta de um leitor (não identificado) o qual concordava com suas idéias sobre os vários disfarces que a quinta coluna utilizava para fazer propaganda, dando como exemplo o seu caso:

... recebi de um conhecido, italiano, ou de origem italiana, um livro escrito por brasileiro de responsabilidade. Lendo alguma coisa de seu texto percebi que continha somente ataque à Inglaterra. Compreendi logo sua segunda intenção. O citado indivíduo estava de posse de diversos volumes desse livro, naturalmente para a distribuição.<sup>42</sup>

Para esse leitor o seu exemplo era uma confirmação do que Mário Melo vinha sempre alertando com relação aos inimigos do Brasil que se utilizava de várias formas para propagar suas idéias, estando nesse rol até as pessoas mais conhecidas e de “responsabilidade”. As desconfianças não tinham limites. No entanto, para o leitor, ainda era tempo de redimir-se exemplificando o celebrado aviador Lindenberg:

... aos que era quinta-coluna antes da declaração da atitude do Brasil, lembro o exemplo de Lindenberg. O grande aviador era germanófilo e pleiteava a neutralidade dos Estados Unidos, defendendo seu ponto de vista com tamanho ardor que chegou a pedir demissão da reserva do exército. Quando, porém, os Estados Unidos entraram na guerra,

<sup>40</sup> ONTEM, hoje e amanhã – Mário Melo. **Jornal Pequeno** – APEJE, 28/02/1944.

<sup>41</sup> PARAISO, Rostand. Cadê Mário Melo... **Comunigraf**, Recife, p. 230, 1997.

<sup>42</sup> ONTEM, Hoje e Amanhã – Mário Melo. **Jornal Pequeno** – APEJE, 12/01/1942.

Lindemberg lembrando-se de que era americano, voltou a oferecer seus serviços, inclusive o tributo de sangue. Aqueles que, por espírito de imitação, andaram vestindo certas camisas, porque na Itália e na Alemanha eram assim, devem, lembrando-se de que são brasileiros, renunciá-los para sempre, com as idéias de que elas eram exteriorização, nem direita, nem esquerda: caminho reto, no centro...<sup>43</sup>

Redimir-se. Eis a palavra em questão. Ainda era tempo para se converter, mudar, esquecer a infelicidade de seguir o caminho errado. A mística da conversão do indivíduo quinta coluna se compara à conversão religiosa, sendo o exemplo de São Paulo o mais forte para confortar aqueles que faziam tal travessia. Para Mário Melo o Brasil também já passara por essa provação quando estava entre dois fogos: os esquerdistas simpatizantes da Rússia e os direitistas simpatizantes da Alemanha. Ambos prejudicando imensamente o Brasil: os comunistas mataram muita gente e os integralistas fizeram muito mais ao tentar assassinar Sr. Getúlio Vargas que, entendendo as serpentes que representavam os dois partidos extremistas, acabou por extingui-los. No entanto, os disfarces ficaram e eram esses que estavam dando muito trabalho. Portanto, cada vez que ocorria alguma conversão era motivo de exultação, como o caso do Sr. Andrade Teixeira Filho, chefe provincial do integralismo em Pernambuco que

[...] transpôs a estrada de Damasco... renegou – abençoado repúdio! – sua mística e veio para o grupo dos que sempre condenaram os extremismos, a bradar que só há uma mística: a da pátria... a mística suprema... Bravo! Uma conversão em regra. Aplausos ao cristão novo que finalmente encontrou a luz na estrada d’Damasco.<sup>44</sup>

Percebemos, portanto, como a imprensa pernambucana através de jornalistas, a exemplo de Mário Melo, fervoroso defensor do governo Vargas, vai desenvolver um mecanismo de violência, através do que chamamos “guerra de palavras” em seus artigos, contribuindo para o clima de suspeição entre a população recifense temerosos de serem acusados de quinta coluna ou traidores da pátria.

---

<sup>43</sup> ONTEM, Hoje e Amanhã – Mário Melo. **Jornal Pequeno** – APEJE, 12/01/1942.

<sup>44</sup> ONTEM, Hoje e Amanhã. Mário Melo. **Jornal Pequeno** – APEJE, 19/05/1942. O jornalista Mário Melo estava se referindo a um artigo escrito por Andrade Teixeira Filho: A mística Suprema no Jornal do Comercio de 15/05/1942.